

Apresentação do dossiê religião e gênero

Refletir sobre as relações existentes entre religião e gênero significa compreender as religiões enquanto instituições produtoras de capital simbólico e, que estariam se valendo de seu *locus* de poder para engendrar nos fiéis um *habitus* capaz de manter a hegemonia de classificação e organização pautada na diferenciação biológico-sexual. Quando analisadas através de um lastro histórico de longa duração, algumas religiões, têm produzido e reproduzido esquemas de classificação a fim de perpetuar a ordem social vigente. Os textos Sagrados – esquema regulatório – que vêm sendo utilizados pelas instituições religiosas enquanto instrumento de legitimação na distribuição desigual de poder entre os sexos – pautados no binarismo sexual, macho/fêmea – é a única fonte de verdade para a salvação. Desse modo, as instituições religiosas através de seus discursos – impressos, audiovisuais, visuais – têm reforçado um padrão conservador e normatizador, conseqüentemente, excludente nos fiéis.

Verifica-se que o sistema de poder, binário, tem sido eficazmente assegurado ao longo do tempo através de instituições detentoras de capital simbólico, tal como a religião (GOUVÊA NETO, 2019). No seio de muitas religiões, a organização institucional passa pelo crivo da diferenciação sexual biológica, o que traz conseqüências para o reconhecimento das mulheres e da comunidade LGBTQI+ enquanto agentes de poder.

Por que transformar identidades fluidas em identidades fixas e naturais? Quais os propósitos dessa normatização? Quem são os responsáveis por engendrar a naturalização de identidades únicas, universais e a-históricas? Tais perguntas tornam-se necessárias, a partir do ponto no qual se pretende vislumbrar a construção da categoria de gênero, quais as relações contidas nessa categoria e qual o papel desempenhado pelas instituições detentoras de capital simbólico.

Logo, pensar em gênero enquanto categoria de análise, exige um esforço em pensar as identidades sexuadas de maneira crítica e analítica. E, enquanto categoria de análise crítica, é preciso pensar o gênero de maneira interseccional, fluida, dotado de historicidade e de maneira contextual. É importante destacar esses pontos pois: a princípio a categoria de gênero foi utilizada como sinônimo para se trabalhar a história das mulheres. De maneira rasa, sem considerar as relações de poder que

permeiam as relações de gênero. Perguntas feitas por Scott (2019, p. 52), tais como: "como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?", são essenciais para transpor a barreira do gênero enquanto sinônimo de mulheres.

As primeiras preocupações teóricas, mais sérias a respeito do gênero, de maneira a rejeitar seu caráter fixo, estanque, e baseado na oposição binária, começaram a serem feitas apenas no final do século XX. Nesse sentido, ainda é algo bem recente. Importante destacar tais aspectos pois, as pessoas que têm suas identidades perpassadas pela religião, por mais que transitem por diversos espaços, ainda circulam nos ambientes religiosos. E, boa parte desses ambientes religiosos ainda reproduzem e produzem discursos moralistas sobre sexo, gênero, sexualidade. Nesse sentido, suas identidades são perpassadas por noções conservadoras baseadas em uma moral e ética cristã.

Dessa forma, é preciso pensar que essa visão de mundo moralizante tem ultrapassado os muros das instituições religiosas, sobretudo, no Brasil, país de maioria cristã – 86,8% (IBGE, 2010). Em 2014 em ocasião da discussão e sansão do PNE, o termo "ideologia de gênero" passou a ocupar um lugar de destaque no debate público. Ainda que o termo, visto dessa forma, de maneira pejorativa, remonte a conferências episcopais desde 1998, é a partir da mobilização dos movimentos conservadores católicos e evangélicos no Congresso que vemos uma ampliação desse termo (SOUZA, 2014). Enquanto a proposta era incluir diretrizes de igualdade de gênero e de orientação sexual, garantidos no PNE, a parcela conservadora de religiosos políticos buscou difundir que a "ideologia de gênero" seria na realidade a ausência de gênero e teria como consequência: troca de papéis entre homens e mulheres, confusão de identidade para o ser humano e desvalorização do casamento e da família.

De acordo com essa visão de mundo, a "ideologia de gênero" trabalharia de maneira contrária ao ideal divino, que teria por base: a criação de dois sexos, o casamento monogâmico e heterossexual e a educação dos filhos com distinção dos sexos.

Pensando a partir do feminismo, é importante destacar que em muitos momentos do movimento os ideais feministas passam por uma resignificação para propósitos de governos, do mercado, do capitalismo. É possível constatar a instrumentalização de certas perspectivas, que passam a "jogar contra" o próprio movimento. E, esse é o

caso da "ideologia de gênero", nos moldes que tem sido ventilada.

De maneira semelhante é preciso destacar a formulação de um discurso baseado na criação de dois sexos. A legitimação para esse discurso, entre outras passagens se encontra em Gêneses. "E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; Macho e fêmea os criou" (Gn. 1.27). E é a partir de passagens como essa que o discurso moralista religioso vai se construindo. Ao passo que coloca homens e mulheres em duas categorias distintas, opostas e que funcionam hierarquicamente. Na qual, o homem é superior e a mulher é inferior.

Nesse sentido, a Bíblia é instrumentalizada a legitimar a hierarquia de uma visão de mundo pautada no binarismo sexual, na qual as diferenças anatômicas, biológicas são as responsáveis por condicionar papéis sociais a machos e fêmeas na sociedade. Nessa perspectiva também, nota-se uma correlação direta entre sexo, gênero e sexualidade.

É importante salientar todos esses aspectos, pois para investigar as articulações entre as religiões e as identidades de gênero é preciso ter em mente, que boa parte do discurso religioso conservador se pauta em uma visão androcentrista de mundo.

Fraser (2019, p. 29) em seu texto *Feminismo, capitalismo e astúcia histórica* faz uma análise de como o feminismo de segunda onda lidou e vem lidando com o androcentrismo. A autora aponta para uma característica muito interessante do androcentrismo, que estaria em um cenário composto por "um cidadão de tipo ideal como um trabalhador homem pertencente à maioria étnica – chefe da casa e homem de família [...] seu salário deveria ser o principal [...] ganhos financeiros de sua esposa deveriam ser meramente suplementares". Como essa lógica ainda opera dentro de certas instituições religiosas, ou ainda de forma mais ampla, na sociedade como um todo? É uma pergunta fundamental para se compreender as conexões entre religião e gênero.

Dessa maneira, pensar a partir da categoria de gênero, requer pensar nas assimetrias de poder. Essas assimetrias são produzidas, reproduzidas e amplificadas, em um sistema capitalista, também através da distribuição de renda. P. ex. muitas mulheres que se destacam dentro dos espaços religiosos, têm sua "autonomia" ligada a autonomia financeira.

Ainda que seja necessário pensar em formas de transformar de maneira radical a visão ligada ao trabalho improdutivo, aquele no qual não se é remunerado, como p. ex., o cuidado com a casa, o cuidado com as crianças, filhos; na cena que se desenrola

tanto em pesquisas de campo, quanto a partir da literatura, verifica-se que a autonomia financeira muito tem contribuído para a emancipação e autonomia das mulheres.

Enquanto o discurso oficial produz uma normatização para as condutas e os papéis sociais que devam ter homens e mulheres em sociedade, sempre, justificados por uma leitura literalista da Bíblia; as subversões que tensionam as relações de poder no espaço religioso, também utilizam a Bíblia para legitimar suas posturas. Pois, enxergam a necessidade da historização e da contextualização da Bíblia enquanto instrumento religioso.

É indispensável pensar a partir de um suporte do feminismo as mulheres e a comunidade LGBTQI+ que estão conseguindo, cada qual a sua maneira, de formas coletivas e individuais, tensionar a normatização imposta pelas instituições religiosas, e que atualmente, no Brasil, tem transbordado para a sociedade civil mais ampla, através das mídias e dos políticos cristãos, como é o caso da Frente Parlamentar Evangélica.

Dessa maneira, é possível enxergar mudanças nas mentalidades, contudo a mudança nos moldes institucionais ainda se encontra no por vir.

Assim, os artigos que compõem o volume buscaram discutir as imbricações entre religião e gênero a partir da problematização da construção de conceitos e sistemas e, desconstruir ideais fundamentalistas e conservadores. Dessa maneira, o texto de Alesca Oliveira e Alessandro Enoque que através de uma pesquisa qualitativa, realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas, teve como objetivo compreender quais seriam as representações de ex-fieis e fieis em igrejas pentecostais mineiras, discute em suas linhas a normatização imposta ao ideal de feminino e, conseqüentemente, ao corpo feminino. Será que através das entrevistas foi possível encontrar um projeto para o feminino que ultrapasse a normativa sexo/gênero e seus conseqüentes papéis sociais?

Já o texto de Caio Costa abordou através da literatura, precisamente a partir dos textos autobiográficos de Claudia Wonder, Roberta Close, Lorys Ádreon, Ruddy Pinho, Jorge Laffond e Jordhan Lessa as concepções de experiências religiosas pelas quais os autores, trans passaram. De quais formas o sistema hegemônico heteronormativo, com base em correspondências entre sexo/gênero/orientação sexual, a partir das tradições religiosas foi responsável pela exclusão reintegração e ressacralização de suas identidades, é objeto de investigação. O artigo que vai além da

consulta a bibliografia acadêmica instiga em que o lê o desejo pelas obras originais.

O artigo escrito por Alloma Modzelewski, apesar de trazer uma perspectiva distinta, busca na literatura, assim como Caio Costa, a relação entre religião e gênero. Ao trabalhar a partir da obra *Ragionamento dela Nanna e dela Antonia*, obra do século XVI, Modzelewski, discorre acerca dos três modelos de feminino abordados no livro, a saber: o papel de freira, de esposa e prostituta. Ao relacionar gênero e religião o que se vê no texto é a busca por aproximações e distanciamentos entre os papéis trazidos na obra literária e as figuras cristãs de Eva, Virgem Maria e Maria Madalena. O texto que traz uma obra produzida durante o período renascentista italiano é um retrato de como a igreja católica, o cristianismo, de maneira mais ampla, vem normatizando os corpos e as condutas dos indivíduos.

Seguindo a linha arte, religião e gênero o artigo de Felipe Cazelli, traz para os estudos da religião as narrativas gráficas – histórias em quadrinhos - enquanto objeto de análise. A partir da personagem Lord Fanny, de *Os Invisíveis*, publicada pela DC Comics, o autor busca compreender o papel da personagem enquanto produtora de uma subversão religiosa e de gênero. Uma vez que a personagem é uma mulher trans, bruxa, e integrante de um grupo de anarquistas a favor da liberdade. As visões de mundo patriarcalistas, androcêntricas, são perspectivas que se tornam frágeis a partir da agencia de Lord Fanny. As tensões, subversões, inadequação, as normas são temas centrais que serão discutidos nas páginas do artigo que faz uso de imagens para ilustrar e debater essa relação complexa entre sexualidade/gênero e religião.

A agencia das mulheres também se faz presente no artigo de Joyce Pires que traz como objetivo a discussão do feminino a partir da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O artigo pode servir de contraponto à imagem de mulher submissa, hierarquicamente inferior, geralmente, encontrada nas igrejas pentecostais brasileiras. O texto vai discorrer sobre o empoderamento feminino no interior daquele espaço religioso, ao passo, que às mulheres é permitida a participação em postos de poder e *status*, tal como, o ordenamento de pastoras. A compreensão da história da igreja a partir de um lastro de longa duração é uma das maneiras utilizadas pela autora, juntamente, com a pesquisa etnográfica, para investigar o papel fundamental dos processos da formação teológica para o empoderamento da mulher no espaço religioso.

Em consonância com o texto de Joyce Pires, o artigo de Letícia Reis também traz como objeto de análise o empoderamento feminino no interior do espaço



religioso, contudo, dentro dos terreiros da Umbanda. Através da figura da Pombagira, a autora busca discutir o conceito de empoderamento feminino, mas também, os aspectos que instituem a entidade de matriz afro. Reginaldo Prandi, grande nome dos estudos das religiões de matriz afro no Brasil, serve como referencial teórico fundamental para construção de argumentos para discussão. O aspecto mais fundamental do artigo insere-se na articulação que a autora faz entre a figura de "sexo frágil" da mulher e o estereótipo de vulgaridade e amoralidade contidos na Pombagira. Nesse sentido, a subversão e a tensão na normatização imposta às mulheres também servem como pano de fundo para a discussão.

Por fim, mas não menos importante, o artigo de Flávia Tortul traz para a discussão o aspecto fundamental para qualquer pesquisa que pretenda trabalhar gênero, a saber: a interseccionalidade. A autora, através de uma revisão bibliográfica aponta em dois sentidos: o primeiro, a existência de vários trabalhos que abordam as questões de gênero e feminismo de um lado, e vários outros trabalhos que abordam as questões sobre raça, negritude, e racismo; em segundo lugar, aponta para a necessidade de interrelacionar tais temas. Quer dizer, apesar de várias obras abordarem as desigualdades entre os sexos/gênero e as desvantagens que operam a partir da raça, tais investigações são feitas em separadas. Sendo assim, a autora se pergunta sobre o papel e o lugar da mulher negra cristã. Como é construída a identidade dessa mulher, de qual forma sua identidade e práticas religiosas (precisam) são construídas no interior do espaço evangélicos? Perguntas necessárias, tendo em vista que 54% da população brasileira é negra, 86,8% da população se identifica enquanto cristã.

Nesse sentido, o dossiê *Religião e Gênero* – preparado com carinho, cuidado e ânsia por respostas, debates e inquietações – teve como objetivo compreender as práticas e experiências de gênero nas instâncias diversas religiosas. Trouxe em sua edição articulações diversas, tais como: experiências trans, padronizações sobre o feminino, empoderamento feminino em religiões de tradições afro, a interseccionalidade necessária ao analisar as identidades de cada mulher, sobretudo, a mulher negra no cristianismo. Fica o convite a todos/todas/todes a se deliciarem com as páginas que se seguem.



Ana Luíza Gouvêa Neto¹

¹ Doutora em Ciência da Religião pelo Departamento de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, pesquisadora do grupo de pesquisa REDUGE. E-mail: analu172@hotmail.com